

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



**A presença francesa no Oriente
Médio: uma abordagem através da
defesa**

ESTE E OUTROS 13 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 213 • 16 de maio de 2025

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Corveta P111 "Al Emarat" da Marinha dos Emirados Árabes Unidos](#)

Por: Julien Le Guen

Fonte: Marine Traffic

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante Gustavo Leite Cypriano Neves

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) José Luiz Ferreira Canela

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) William de Sousa Moreira (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (EGN)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Kenzo Brites Yamaguti (UFRJ)

REVISÃO E TRADUÇÃO

Mancy Mylene Soares Sant'Ana (UFRJ)

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontradas na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.



ÁFRICA SUBSAARIANA

Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Gabriel Francisco Castro Aguiar (UFRJ)
Isadora Jacques de Jesus (UERJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)
Kenzo Brites Yamaguti (UFRJ)
Luísa Barbosa Azevedo (UERJ)
Matheus Moreira Alves (UERJ)
Rafaela Marinho Gonzalez Machado (UFRJ)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)
Guilherme Demmer Knippenberg (UFSC)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Maria Fernanda Santos Kerr (UERJ)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Gabriel Paradela Heil (UFRJ)
Kaike Ferreira Mota (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Rafael de Oliveira Maciel (UnB)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)
Yasmim Abril Monteiro Reis (San Tiago Dantas)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF/SWUST)
Nathália Magalhães Macedo (UFRJ)

EUROPA

Amanda Maciel Fraga Montoiro (UFRJ)
Emerson Luiz Bento dos Santos (UFRJ)
Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

Maria Carvalho Pinto Puccetti (UFRJ)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Nina de Almeida Bonifacio Pereira (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFSC)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Eduardo El-Hader Fantini (UERJ)
João Gabriel Fischer Morais Rego (ECEME)
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)
Vitória de França Fernandes (UNIRIO)

RÚSSIA & EX-URSS

Anna Laura Silveira Lengruber (UFRJ)
Gastão Menescal Carneiro Neto (Unilasalle - RJ)
José Gabriel de Melo Pires (ECEME)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Rafael Prisco Cabral (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (EGN)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (PUC-Rio)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

TEMAS ESPECIAIS

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)
Gabriel Mendes Andrade (UERJ)
Maria Elena Andrade Barbosa (EFOMM)
Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)



SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL

Relações Chile-Argentina: disputas territoriais e novo entendimento político.....5

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Tensões e tarifas: qual o futuro das relações entre os Estados Unidos e seus vizinhos?.....6

ÁFRICA SUBSAARIANA

Desvendando a Aliança dos Estados do Sahel.....7
As ofensivas do M23 e os desafios para a paz no leste congolês8

EUROPA

“Dynamic MongOOSE 25”: o olhar da Otan para o Oceano Ártico e o GIUK-N9
A presença francesa no Oriente Médio: uma abordagem através da defesa.....10

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Tensões no Mar Vermelho: reacende a crise no Oriente Médio..... 11

RÚSSIA & Ex-URSS

Militarização do Ártico: a Estratégia Russa e suas implicações para a segurança global.....11
O Dia da Vitória em Moscou: legado e implicações internacionais12

LESTE ASIÁTICO

O que esperar dos candidatos às eleições sul-coreanas?13

SUL DA ÁSIA

As respostas da China às tarifas dos EUA: busca por protagonismo em tempos de tensão.....14

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Equilíbrio geopolítico no Sul da Ásia: os impactos da disputa Indo-Paquistanesa.....14
De águas históricas à linha de base: a delimitação marítima entre Vietnã e China16

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Entre mísseis e minerais: a Groenlândia na estratégia de poder dos EUA.....17

Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa..... 18

Calendário Geocorrente..... 18

Referências..... 19

Mapa de Riscos.....20

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Kaike Mota



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 20

Relações Chile-Argentina: disputas territoriais e novo entendimento político

Pedro Kilson

O governo argentino anunciou que se encontra em curso a atualização da *Directiva de Política de Defesa Nacional* (DPDN, sigla em espanhol). Trata-se de uma normativa que define os alinhamentos estratégicos do país, no âmbito do Ministério da Defesa. Destacam-se objetivos de defesa nacional, a modernização das Forças Armadas e a determinação da atividade militar em tempos de crise. Ademais, estabelece-se o marco ideológico que fundamenta a política externa argentina, incluindo os conceitos de legítima defesa, soberania, independência e integridade territorial. Nesse contexto, no final de março de 2025, o governo argentino decidiu aceitar as reivindicações do governo chileno no que diz respeito ao decreto 457/2021, responsável por formalizar uma administração compartilhada do Estreito de Magalhães e da Passagem de Drake. A medida pode colocar fim a uma longa disputa territorial. Dessa forma, questiona-se o impacto da medida na relação diplomática entre os países e na geopolítica regional.

Na ocasião da publicação do decreto 457/2021, em 19 de julho de 2021, a reação chilena foi de desconfiança e percepção de ameaça. Nesse sentido, a administração do ex-presidente chileno Sebastián Piñera enviou ao país vizinho uma carta de protesto, ressaltando o interesse do Chile no controle unilateral de ambos os estreitos,

considerando o caráter estratégico desses espaços, tanto como o de elo interoceânico, como o de facilitador do acesso à Antártica. Enfatiza-se, na carta, que o Estreito de Magalhães é território soberano chileno.

A proposta em vigor da nova diretiva argentina viabilizaria a concretização de um projeto chileno de política externa pela soberania plena sobre os Estreitos de Magalhães e a Passagem de Drake, retirando a Argentina de um litígio territorial que se arrasta desde o século XIX. A reivindicação chilena, bem como o interesse pela revogação do decreto pelo lado argentino, baseiam-se no *Tratado de Límites* de 1881, que definiu as fronteiras entre os países, desmilitarizou o Estreito de Magalhães e estabeleceu instâncias para solução de controvérsias. O *Tratado de Paz y Amistad*, de 1984, também ganha centralidade.

A administração de Javier Milei buscaria, com o fim do decreto, impulsionar uma melhoria nas relações com o país vizinho, abrindo margem para que também reivindique interesses argentinos, como o acesso facilitado ao Pacífico. O Chile possui um orçamento de defesa mais robusto e, com a soberania plena sobre o Estreito de Magalhães, outorga-se ao país a possibilidade de conectar e controlar vias navegáveis e de fortalecer sua projeção de poder no continente antártico.



Tensões e tarifas: qual o futuro das relações entre os Estados Unidos e seus vizinhos?

Rafael de O. Maciel

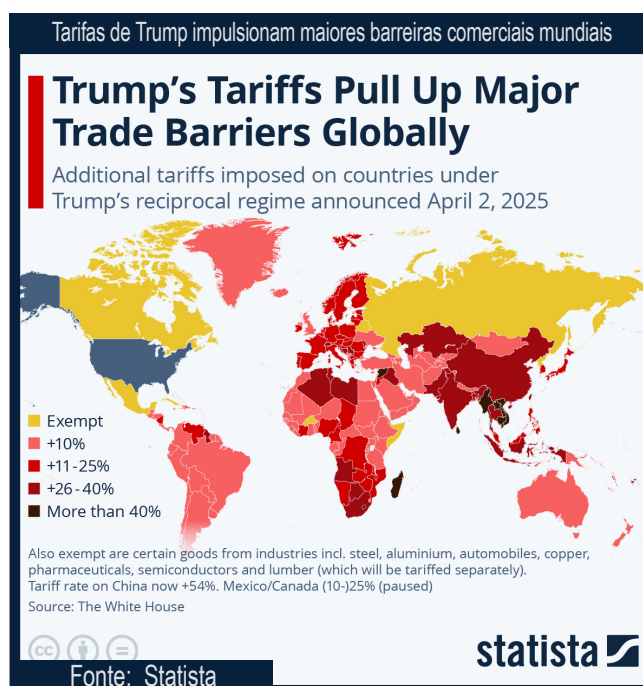
Em janeiro de 2025, ocorreram tensões entre os Estados Unidos da América (EUA) e a Colômbia centradas na disputa sobre o tratamento de imigrantes ilegais deportados dos EUA. O impasse iniciou-se após o governo colombiano se recusar a receber seus cidadãos deportados algemados em aviões militares. Em retaliação, o presidente estadunidense Donald Trump declarou a imposição de tarifas e outras sanções ao país sul-americano. Este episódio levanta a questão: até que ponto situações como essa podem prejudicar as relações e distanciar parceiros regionais importantes?

A estratégia estadunidense de utilizar medidas econômicas como ferramenta de pressão gerou debates sobre sua eficácia e ética. A Colômbia, parceiro importante dos EUA com fortes laços em diversos âmbitos — desde o comércio bilateral até a defesa — por fim aceitou todas as exigências impostas. Esse caso evidencia o poder dessas medidas como instrumento de política externa, mas também levanta preocupações sobre a proporcionalidade de seu uso em contextos que envolvem direitos humanos e a dignidade da pessoa humana, com impactos na estabilidade internacional. Outros dois parceiros importantes também foram alvo da nova política externa estadunidense, Canadá e México. Em fevereiro, foi anunciada a imposição de tarifas de 25% com a justificativa de segurança nacional sobre as exportações mexicanas e canadenses, alegando que esses países não estavam colaborando

suficientemente no combate ao tráfico de drogas, especialmente o fentanil, e na contenção da imigração ilegal na fronteira.

Em abril de 2025, as novas políticas protecionistas atingiram seu ápice com o chamado “*Liberation Day*”, quando a Casa Branca anunciou um pacote massivo de tarifas unilaterais sobre uma ampla gama de importações provenientes de quase todos os países do mundo, sendo o mais amplo aumento tarifário desde a Lei Smoot-Hawley, de 1930. Essas medidas foram justificadas como uma resposta aos déficits comerciais persistentes e práticas comerciais consideradas injustas pelos EUA. A decisão provocou reações imediatas de parceiros comerciais e gerou preocupações sobre o impacto nas cadeias globais de suprimentos e na economia mundial.

Essas medidas podem gerar efeitos adversos duradouros, ao distanciar parceiros regionais de longa data. Ao impor tarifas econômicas punitivas, Washington enfraquece laços importantes, minando a confiança mútua e podendo incentivar seus parceiros a diversificarem suas relações econômicas, comerciais e estratégicas com outras potências, como China, Rússia e União Europeia. Esse cenário pode enfraquecer a capacidade de cooperação regional em temas essenciais, como segurança fronteiriça, desenvolvimento e integração, deixando toda a região mais fragmentada e vulnerável, suscitando a aproximação de atores externos.



DOI 10.21544/2446-7014.n213.p06.

Desvendando a Aliança dos Estados do Sahel

Gabriel Castro

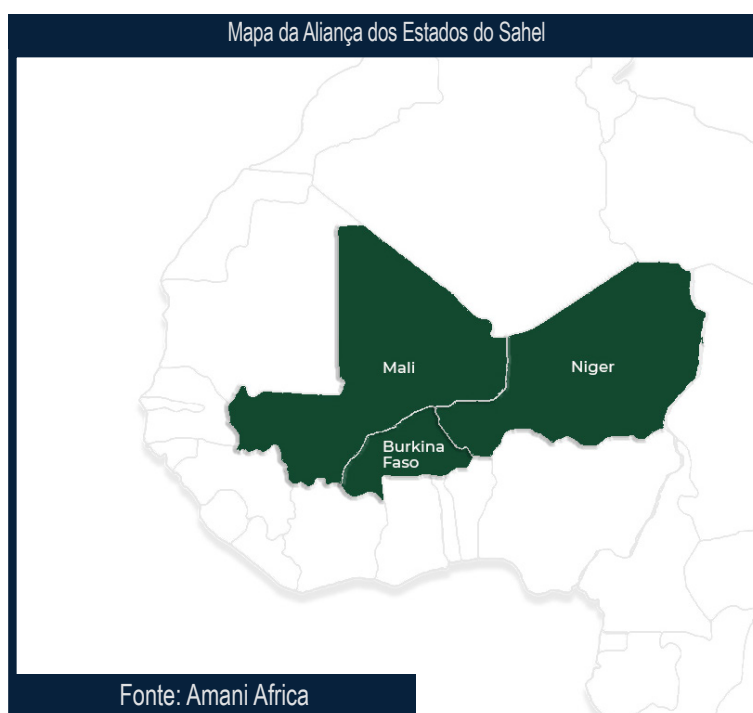
Em 17 de março de 2025, o Níger anunciou a saída da Organização Internacional da Francofonia (OIF), que promove a integração e cooperação entre países francófonos. Este é mais um capítulo do distanciamento de países do Sahel, em especial Burkina Faso, Mali e Níger, de atores historicamente influentes na África. Tal distanciamento, consolidado pela saída desses três países da Comunidade Econômica da África Ocidental (CEDEAO) ([Boletim 197](#)) e pela criação da Aliança dos Estados do Sahel (AES), decorre, principalmente, da sequência de golpes de Estado na região: Mali (2021), Burkina Faso (2022) e Níger (2023). Entre as motivações, destaca-se o desgaste das relações com a Europa, especialmente com a França, em questões de defesa. Dado esse cenário de instabilidade, quais os possíveis rumos da aliança e quais serão seus efeitos no continente?

Um dos pontos centrais é a atuação de milícias islâmicas na região do Sahel. Agentes históricos na área, como a França — devido ao seu legado colonial —, buscaram combater esses grupos. Um exemplo foi o antigo G5 do Sahel ([Boletim 162](#)), que incluía os três países, além de Chade e Mauritânia, e cooperava com a potência europeia para reduzir as ameaças que essas milícias representavam à estabilidade territorial e política da região. Com a relativa falha desse objetivo — Burkina Faso tem mais de 50% de seu território controlado por milícias — e a

insatisfação popular com líderes alinhados à Europa, ocorrem as rupturas democráticas, surgindo a AES.

Inicialmente, a aliança anunciou a mobilização de 5 mil militares para combater as milícias. Outros pontos de cooperação incluem: um boletim de notícias conjunto, para exibição nas mídias locais; a criação de um passaporte único, conferindo à aliança uma característica de bloco econômico; e a organização de eventos culturais. As ações buscam fortalecer um discurso comum de união e resistência às violências contra os povos africanos, aos moldes do Pan-Africanismo, procurando dar legitimidade aos regimes autoritários. Além disso, atores externos, como China e Rússia, ocuparam o vácuo deixado pela França, para exercer influência na região, oferecendo apoio financeiro e militar às Juntas, por vezes, por meio de grupos mercenários, como o *African Corps* (ex-Grupo Wagner).

Por fim, a AES representa uma mudança na correlação de forças no continente africano, enfraquecendo órgãos multilaterais, como a CEDEAO, em prol de uma aliança mais localizada e afetando a influência das potências europeias, especialmente a França. Ainda é incerto se a AES sustentará essa conjuntura, mas, por ora, a aliança demonstra capacidade de exercer uma influência estratégica no continente.



DOI 10.21544/2446-7014.n213.p07.

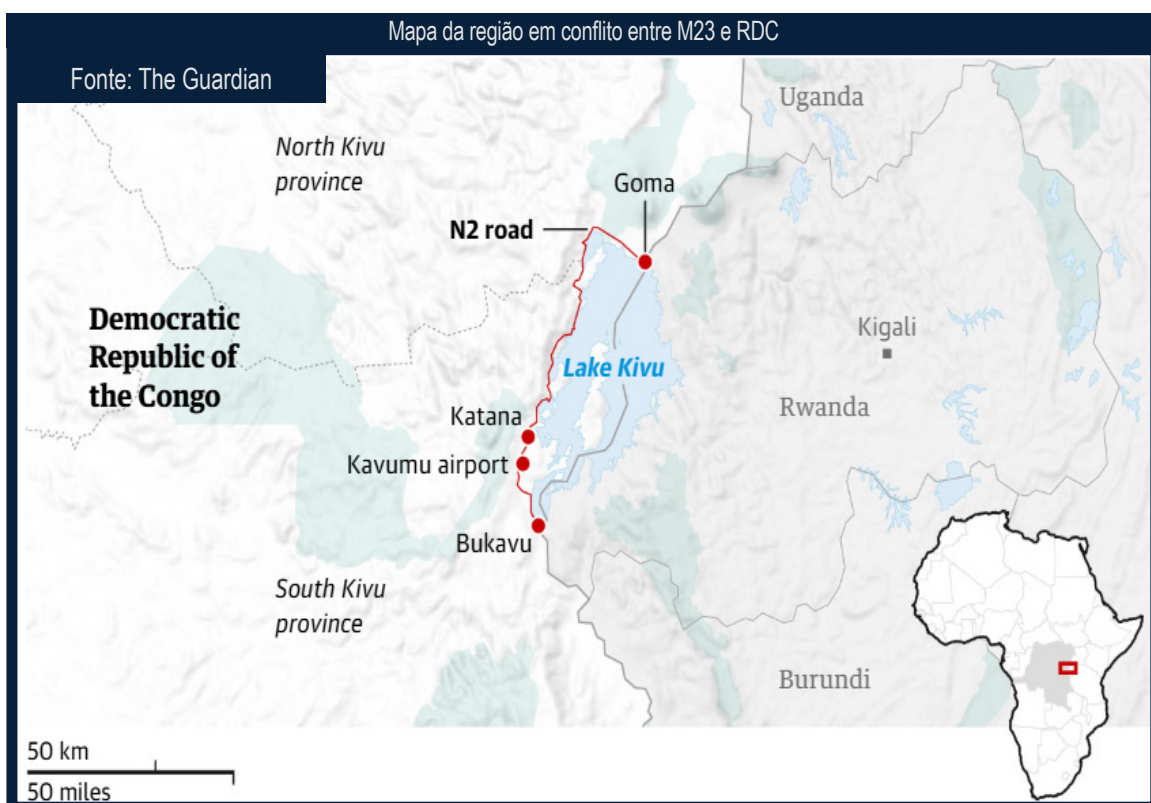
Em fevereiro de 2025, após anunciar um cessar-fogo, o grupo armado Movimento 23 de Março (M23), apoiado por Ruanda, surpreendeu ao lançar uma ofensiva no leste da República Democrática do Congo (RDC), conquistando uma cidade mineradora, rica em coltan e cobalto, na província de Kivu do Sul. O ataque rompeu a trégua declarada unilateralmente pelo M23. Essa investida faz parte de uma série de agressões do grupo rebelde à RDC, que vem conquistando cidades estratégicas e importantes no leste congolês, como Goma e Bukavu. A continuidade desses avanços violentos provoca uma crescente crise humanitária na região. Dito isso, como a RDC e o M23 estão articulando soluções para o fim do conflito no leste congolês, e quais são as perspectivas para encerrar a violência que perdura há mais de três décadas na região?

Esta atual crise é consequência de um histórico de violência, que remonta ao genocídio em Ruanda de 1994, gerando instabilidade na região dos Grandes Lagos. O M23, formado por ex-integrantes de outros movimentos rebeldes, retomou sua insurgência em 2021, recebendo apoio militar e logístico de Ruanda, conforme relatórios da Organização das Nações Unidas (ONU). Essa região permanece sendo um dos principais focos de violência no continente africano, provocando deslocamentos contínuos. Segundo a ONU, a invasão a Goma

deixou, pelo menos, 2.900 mortos. Além disso, civis da região ocupada relatam a hostilidade do grupo armado, o que resultou no deslocamento forçado de aproximadamente 63.000 congoleses para o Burundi, onde enfrentam condições precárias, no campo de refugiados.

Diante desse cenário, impera a necessidade de conter a violência e encontrar uma solução diplomática. Em busca da paz, diálogos foram realizados em abril em Doha, no Catar, envolvendo delegações do governo da RDC e do grupo rebelde M23. Embora declarações de cessar-fogo tenham sido feitas no âmbito dessas negociações, os confrontos persistem no leste congolês, como a conquista da cidade de Lunyasenge pelo M23, em maio. Esse fato levou diplomatas em Kinshasa a expressarem preocupação com a eficácia dos esforços para um cessar-fogo.

Portanto, a intensificação das ações do M23 no leste da RDC evidencia a fragilidade dos acordos e coloca em xeque os esforços de pacificação na região dos Grandes Lagos. A persistência da violência e o agravamento da crise humanitária exigem respostas imediatas e coordenadas. Diante disso, é fundamental que os atores regionais, com o apoio da comunidade internacional, reforcem os esforços diplomáticos e adotem medidas concretas para encerrar o conflito e assegurar a proteção da população congolesa.



DOI 10.21544/2446-7014.n213.p08.

“Dynamic Mongoose 25”: o olhar da Otan para o Oceano Ártico e o GIUK-N

Emerson Luiz Bento dos Santos

A complexidade da geopolítica atual tem mobilizado as organizações internacionais na Europa no sentido de adotarem uma postura mais direcionada. Tendo em vista tais motivações, a Otan — principal órgão político e militar do continente — lançou a operação “Dynamic Mongoose 2025”, que aconteceu ao longo do mês de abril de 2025 na Islândia e arredores. A novidade dessa edição é também o olhar da aliança voltado ao Oceano Ártico e o chamado “Gap Groenlândia-Islândia-Noruega-Reino Unido” (GIUK-N, sigla em inglês). Diante disso, o dilema de segurança no extremo norte europeu poderá ser redefinido pela manobra?

O “Dynamic Mongoose 25” é um exercício militar conjunto e combinado antissubmarino e antissuperfície que objetiva preparar as tripulações marítimas da aliança militar para responder a qualquer tipo de ameaça. Para essa ação, nove países participantes mobilizaram navios, submarinos, helicópteros e aeronaves de patrulha marítima. Vale destacar que, para que a estratégia de barrar o avanço russo na Europa seja bem-sucedida, é necessário que a atual missão da Otan sirva efetivamente para reforçar sua presença estratégica na região. A exemplo da “Baltic Sentry” ([Boletim 212](#)), o empenho

conjunto e combinado no Ártico poderá mudar a dinâmica de segurança e cooperação de seus aliados, tendo em vista a ameaça iminente de que a guerra se estenda para seus territórios.

Como mencionado, o exercício também ganha mais importância por conta do olhar para o “GIUK Gap” ou “GIUK-N” — *chokepoint* marítimo no extremo norte europeu. Por causa de suas águas frias, imprevisíveis e de fortes correntes, a zona que banha a Groenlândia, Islândia, Noruega e Reino Unido, torna desafiadora a tarefa da Otan de se consolidar nessa área. A colaboração de seus parceiros será essencial para a estratégia da aliança e do Ocidente de se manterem presentes e vigilantes no local, uma vez que a manutenção das linhas de comunicação marítimas e a segurança coletiva estão entre as prioridades da Organização.

A atual situação na Europa permanece rodeada de tensão, incerteza e conflitos como o russo-ucraniano, que reforçam a sensação de que a qualquer momento uma nova guerra surgirá. Sendo assim, a preparação da Otan precisará ser contínua, seguindo sua rotina de travar o avanço da Rússia em todas as suas frentes. Para isso, precisará consolidar-se como um ator assíduo,



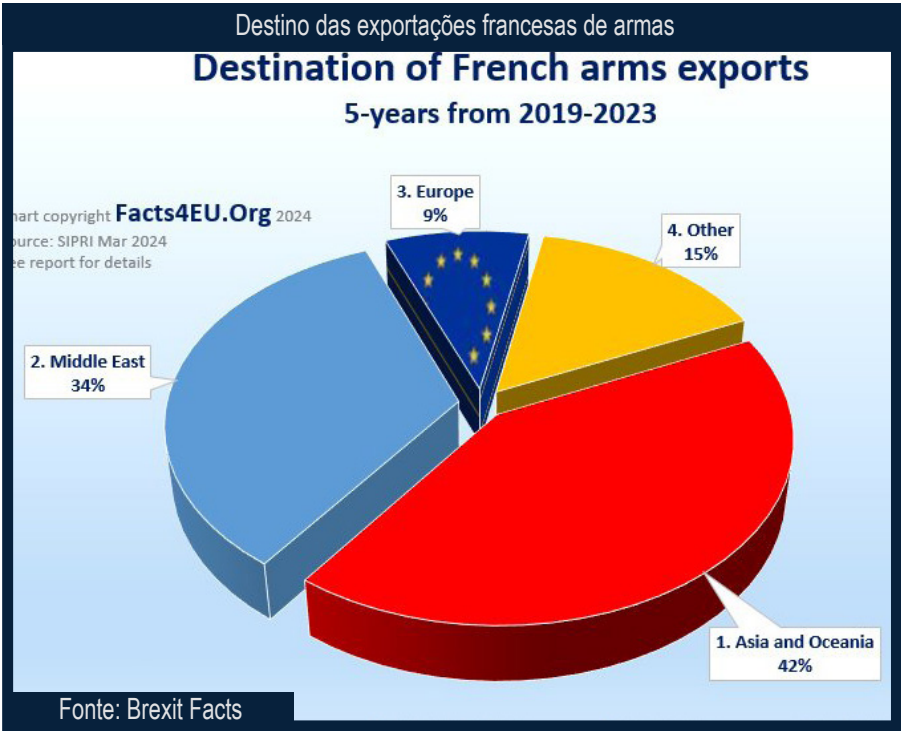
No Oriente Médio, onde as disputas geopolíticas por zonas de influência se entrelaçam com interesses energéticos vitais das grandes potências, a questão da defesa emerge como um terreno fértil para parcerias que transcendem o fornecimento de armamentos. É nesse contexto que a França tem fortalecido sua presença no Golfo Pérsico, valendo-se da volatilidade regional para oferecer tecnologia militar de ponta, expertise industrial e uma alternativa às tradicionais alianças dominadas pelos Estados Unidos da América (EUA). Neste âmbito, é possível circunscrever três polos principais desse movimento francês: Arábia Saudita, Catar e Emirados Árabes Unidos (EAU).

A ambição dos EAU de desenvolver uma indústria naval soberana conduziu seu caminho até a França. Com uma abordagem diversificada dos grandes fornecedores de armamento (China e EUA), o relatório do *Intelligence Online* indica que empresas francesas, como a gigante estatal francesa *Naval Group*, a *MBDA* e a *CMN*, não estão apenas exportando produtos prontos, mas firmando também, bases nos EAU que apontam potenciais transferências de tecnologia. Um claro contraste com o programa “F-35” dos EUA, o qual inclui a permanência de códigos-fonte rigorosamente protegidos. O Centro de Engenharia de Mísseis (MEC, na sigla em inglês) foi construído em Abu Dhabi pela *MBDA*, estabelecendo-se como a primeira instalação desse tipo fora da Europa. Enquanto o MEC

visa instruir a expertise local em tecnologia de mísseis — área na qual os EAU historicamente necessitam de importações —, o *Naval Group* fornece sistemas de ponta, como a corveta da classe “Gowind”, e a *CMN* complementa esses esforços com embarcações rápidas e de alta velocidade. Junto a isso, os EAU também abarcam a única base militar francesa no Golfo Pérsico, o *Camp de la Paix*.

Com o Catar, as relações bilaterais em defesa remontam a 1994, com a formação do pacto francês-catariano em defesa e a venda de 34 caças franceses “Dassault Rafale” para as tropas cataris em três anos, o que já levou o país a possuir 80% do seu equipamento militar advindo da França. Já com a Arábia Saudita, a abordagem francesa abrange o aprofundamento dos laços diplomáticos, alinhando as agendas “França 2030” e “Visão Saudita 2030”, resultando em uma série de acordos bilaterais em áreas como defesa, energia e tecnologia, marcada pelo recente interesse saudita também na compra dos caças franceses “Dassault Rafale”.

Na região mais instável do sistema internacional, a segurança não é apenas uma necessidade: ela se torna uma plataforma estratégica para articulações políticas e econômicas das grandes potências. O crescente envolvimento da França, portanto, revela não apenas uma aposta comercial, mas uma visão geoestratégica de expansão da influência francesa na região sob a forte prerrogativa de defesa nacional.



Expansão para Gaza e ataques no Iêmen: a incursão israelense no Oriente Médio

Eduardo El-Hader Fantini

No dia 05 de maio, o gabinete de segurança israelense aprovou um plano prevendo o controle de toda a Faixa de Gaza, expandindo as operações na região e mantendo suas tropas no território por tempo não definido. No mesmo dia, mais de 30 aviões da Força Aérea de Israel (IAF) realizaram ataques contra o porto de Hodeidah, no Iêmen, situado na região controlada pelos houthis. Diante disso, quais são os impactos das investidas israelenses para o Oriente Médio, e como esses eventos estão contextualizados dentro das dinâmicas do sistema internacional?

Vale pontuar que os ataques da IAF no Iêmen foram uma resposta ao lançamento de mísseis houthis em direção ao aeroporto de Tel Aviv, ocorrido em 04 de maio. No dia seguinte, Israel atacou o porto de Hodeidah e, no dia 06, bombardeou o aeroporto de Sanaa. Segundo autoridades israelenses, os alvos atingidos seriam usados para construir bases e túneis para receber armamentos iranianos. Apoiados politicamente e militarmente pelo Irã, os houthis justificam seus ataques como apoio à causa palestina ([Boletim 212](#)). As incursões ocorrem num momento de mudanças na geopolítica regional: a Síria, sob liderança de Ahmed Al-Sharaa desde dezembro de 2024, parece ter se afastado do Irã, como

demonstrado por declarações do novo presidente e pela aproximação de outros vizinhos; e Hezbollah e Hamas enfrentam uma retração, com a morte de importantes líderes nos últimos meses após ataques de Israel, o que facilita a projeção israelense contra os houthis.

A ampliação significativa da ofensiva em Gaza tende a dificultar as negociações para libertação dos reféns mantidos pelo Hamas, além de reduzir ainda mais as chances de efetivação de um cessar-fogo, como o acordado em janeiro. Além disso, o deslocamento forçado de palestinos deve se intensificar, agravando a crise humanitária. Vale ressaltar que esse cenário ocorre dias após uma declaração conjunta da Alemanha, França e Reino Unido, condenando o bloqueio israelense à ajuda humanitária para Gaza, o que pode tensionar ainda mais as relações de Israel com países europeus.

Assim, o atual cenário é percebido por Israel como uma janela de oportunidade para fortalecer sua posição estratégica, particularmente contra o Irã e seus aliados. Ademais, há uma perspectiva de intensificação da crise humanitária em Gaza, em especial com o bloqueio israelense à ajuda humanitária e com o deslocamento interno de palestinos.

DOI 10.21544/2446-7014.n213 p11.

RÚSSIA & EX-URSS

Militarização do Ártico: a Estratégia Russa e suas implicações para a segurança global

Anna Laura Silveira

Primordialmente, é imperioso destacar que, nos últimos anos, a Rússia segue consolidando uma estratégia de expansão militar no Ártico, reforçando sua presença naval e estabelecendo bases na região. Tal postura, alinhada ao desenvolvimento da Rota Marítima do Norte, sugere questionamentos, à medida que fortalece significativamente a projeção russa no tráfego marítimo polar. Nesse sentido, de que maneira a militarização russa no Ártico interfere na segurança marítima e na governança oceânica?

A modernização das instalações russas no Ártico compreende a reativação de bases soviéticas, a construção de novas estruturas dotadas de lançadores de mísseis

“S-300” e “S-400”. Além das bases terrestres, a Esquadra do Norte tem sido reforçada com equipamentos nucleares e submarinos de ataque, com destaque para a base Trevo Ártico, situada na Terra de Francisco José. Porém, a militarização da região levanta problemáticas quanto ao controle de passagem e segurança marítima. O Kremlin reforça sua capacidade de monitoramento, impondo diretrizes sobre a navegação de embarcações estrangeiras, gerando tensões com potências ocidentais. Com os crescentes tensionamentos geopolíticos, a Otan e os Estados Unidos da América se movimentaram no Ártico (especificamente na Islândia e arredores), realizando exercícios combinados com dezenas de navios

e aeronaves em abril de 2025, sinalizando uma disputa “fria” na Rota Marítima do Norte.

Destaca-se, desta forma, que o controle das rotas polares e a militarização podem criar riscos de acidentes entre embarcações civis e militares, além de coagir acordos internacionais sobre o uso pacífico do Ártico. Vale ressaltar que a soberania sobre jazidas de petróleo, gás e direitos de pesca está no centro das disputas internacionais. Adicionalmente, do ponto de vista comercial, o degelo progressivo propicia uma rota de transporte mais curta entre Ásia e Europa, desafiando rotas convencionais, como o canal de Suez. Com isso, o governo russo objetiva um aumento relevante na carga

transportada até 2030, consolidando sua influência sobre as rotas marítimas polares.

Nesse sentido, o monitoramento ocidental inclui debates sobre governança oceânica no Conselho do Ártico. Contudo, as sanções contra Moscou, em vigor desde 2022, reduziram as possibilidades de diálogo, tornando o ambiente ainda mais volátil. Portanto, considerando a reformulação naval da estratégia russa, a militarização do Ártico representa um desdobramento significativo da geopolítica polar. A interseção entre disputas marítimas, desafios ambientais e projeção de poder configura a região enquanto um polo significativo de rivalidades entre potências.



DOI 10.21544/2446-7014.n213.p11-12

O Dia da Vitória em Moscou: legado e implicações internacionais

Pérsio Glória de Paula

A Grande Guerra Patriótica ocupa um papel central na memória coletiva russa e dos países da ex-URSS. Igualmente, o Dia da Vitória possui tanto significância interna quanto dimensões internacionais. Nesse sentido, quais os possíveis impactos dessa celebração na política internacional?

O dia 09 de maio de 2025 marcou o aniversário de 80 anos da vitória sobre as forças nazistas e evocou o papel da União Soviética para o sucesso do esforço de guerra aliado. Vale ressaltar que o papel soviético também foi um fator legitimador para a sua consolidação como um dos polos de poder no pós-Segunda Guerra e repercutiu até hoje, com a continuidade dos privilégios russos em algumas instituições criadas naquele período, como o

direito ao veto no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). Dessa forma, a vitória soviética reforça a identidade nacional russa e tem sido também instrumentalizada para aspirações internacionais do país.

Assim, além das comemorações em outras localidades do país, o dia foi celebrado em Moscou com uma das maiores paradas militares feitas pela Rússia na era pós-soviética. Na capital, desfilaram mais de onze mil soldados e foram expostos equipamentos históricos da Segunda Guerra, armamentos atualmente empregados no conflito ucraniano e novas armas desenvolvidas pelo país.

Ademais, o evento tem ganhado crescente densidade

diplomática e dimensões internacionais, demonstradas pela participação de 13 grupamentos estrangeiros no desfile e pela presença de 27 chefes de Estado. Alguns destaques foram as participações do presidente chinês, Xi Jinping — tido como o convidado de honra do evento —, e do presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, em sua primeira visita à Rússia desde o início de seu terceiro mandato. A presença brasileira também teve destaque pelo conteúdo das reuniões bilaterais, que indicam uma retomada da Comissão de Alto Nível de Cooperação Russo-Brasileira. Nesse contexto, houve a assinatura de memorandos para a cooperação no desenvolvimento de tecnologias e em áreas sensíveis e estratégicas, como a

nuclear e a espacial. Contudo, o Dia da Vitória não escapou das tensões ocasionadas pelo conflito na Ucrânia. No dia 06 de maio, em uma tentativa de esvaziar o evento, ataques ucranianos com drones forçaram a suspensão temporária de voos e atingiram prédios residenciais nos subúrbios da capital.

O Dia da Vitória, nesse sentido, é uma comemoração que articula a memória do passado soviético e a identidade nacional russa com o protagonismo internacional do país. Igualmente, o evento também tem relevância para a imagem de Moscou no plano internacional, servindo como plataforma para a ampliação de laços diplomáticos do país.

DOI 10.21544/2446-7014.n213.p12-13

LESTE ASIÁTICO

O que esperar dos candidatos às eleições sul-coreanas?

Maria Puccetti

No final de 2024, a Coreia do Sul tornou-se um dos principais tópicos mundiais devido à crise política e ao vácuo de liderança que se seguiu. A instabilidade política sul-coreana tem criado oportunidades geopolíticas para os seus vizinhos: China, Coreia do Norte e até mesmo para seu maior aliado, os Estados Unidos da América (EUA). Dessa forma, as eleições de 03 de junho vão determinar o (des)equilíbrio interno e, consequentemente regional: os partidos de destaque na corrida eleitoral em Seul representam visões opostas e polarizam a sociedade. Diante disso, é imprescindível compreender a tendência política dos principais candidatos às eleições.

O partido conservador, *People Power Party* (PPP), é representado por Kim Moon Soo, sucessor de Yoon Suk Yeol, ex-presidente que decretou lei marcial em dezembro de 2024, sob o pretexto de uma conspiração norte-coreana, o que lhe rendeu recentemente um processo de impeachment. Suas ações não apenas abalaram a moral do partido como também acirraram as tensões internas, sobretudo em razão da polarização e da fragilidade geopolítica. Moon Soo promete apoiar os jovens trabalhadores, investir em inovação e adotar uma postura mais dura frente à Coreia do Norte, seguindo os passos do antecessor ao aumentar as tensões com a China e Coreia do Norte e se aproximar do Japão, apesar da resistência popular.

Por outro lado, o candidato favorito é Lee Jae-myung, filiado ao partido que ocupa maioria no

congresso, o *Liberal Democratic Party of Korea* (DPK). Embora haja favoritismo, Jae-myung é investigado por uma série de crimes, mas conseguiu postergar o julgamento para depois das eleições, já que uma condenação o tornaria inelegível. O adiamento gerou preocupações acerca da imparcialidade dos três poderes, o que pode fragilizar ainda mais a democracia sul-coreana. Além disso, Lee demonstra interesse em dar certa continuidade ao modelo de gestão adotado pelo ex-presidente Moon Jae-In, buscando fortalecer laços com a Coreia do Norte, por intermédio da *Sunshine Policy*. Contudo, a exceção é seu declarado interesse em investir na indústria nuclear, contrariando a tradição pacifista do partido e a aparente defesa da aproximação com Pyongyang.

Portanto, a postura de Kim Moon Soo e Lee Jae-myung em relação à Coreia do Norte, à China e aos EUA determinará se haverá harmonia regional na frágil península e, por isso, devem atentar-se aos seus pronunciamentos e movimentações geopolíticas. Porém, independentemente do vencedor, o próximo presidente terá de lidar com o desenvolvimento da indústria nuclear interna e a proeminente ameaça nuclear da Coreia do Norte, além da expansão da influência chinesa na região por meio da *Belt and Road Initiative* ([Boletim 208](#)). Ao mesmo tempo, intensificasse o sentimento antichinês entre os jovens sul-coreanos, somado à política tarifária de Donald Trump e ao possível abandono dos investimentos estadunidenses na proteção do país.

DOI 10.21544/2446-7014.n213.p13

A resposta da China às tarifas dos EUA: busca por protagonismo em tempos de tensão

Rodrigo Ribeiro

Nas últimas semanas, observou-se uma nova escalada das tensões comerciais entre China e Estados Unidos da América (EUA), desencadeada pela divulgação da política de “tarifas recíprocas” pelo presidente estadunidense Donald Trump. Desde então, a imposição de tarifas pelos EUA tem sido respondida de forma equivalente pela China, sinalizando uma postura mais assertiva diante de seus objetivos estratégicos. Essa conjuntura levou a tarifas de importação de 145% sobre produtos chineses nos EUA e a 125% sobre produtos estadunidenses na China, até as negociações bilaterais realizadas no 10 de maio, que baixaram as tarifas para 30% e 10%, respectivamente. Diante desse cenário, questiona-se: em que medida as ações chinesas refletem uma orientação estratégica vinculada à política externa de “busca por protagonismo”?

A ascensão de Xi Jinping ao poder consolidou uma mudança significativa na política externa da China, passou a afastar-se de uma abordagem mais discreta e adotou uma estratégia de maior projeção no cenário internacional — conhecida como *striving for achievement*. Essa transição tem sido evidenciada pelo aumento do poder militar, da influência econômica e do papel ativo da China em organismos multilaterais. Alinhada a essa postura, a China vem tentando reforçar sua posição no Leste Asiático nas últimas semanas por meio de acordos com países também afetados pelas tarifas dos EUA, como Japão e Coreia do Sul, com os quais busca avançar nas discussões

de um acordo trilateral de livre comércio, além dos países da *Association of Southeast Asian Nations* (ASEAN, sigla em inglês)

Paralelamente, Pequim manteve uma postura de reciprocidade, não só respondendo às tarifas impostas pelos EUA com medidas equivalentes, mas também aliviando encargos sobre alguns setores estratégicos, como eletrônicos e semicondutores, apenas após sinalizações recíprocas por parte de Washington. Ademais, a China recusou-se a atender às pressões por uma negociação imediata, indicando que os EUA deveriam tomar a iniciativa de fazer as primeiras concessões. Tal atitude fez com que as negociações bilaterais acontecessem apenas 38 dias depois do início da escalada.

Nesse sentido, a postura de busca por maior protagonismo pode ser percebida com clareza na resposta chinesa à nova escalada das tensões comerciais com os EUA. Ao projetar-se como uma alternativa econômica à influência norte-americana no continente asiático e adotar uma postura firme — marcada não apenas pela reciprocidade tarifária, mas também pela recusa em ceder a pressões unilaterais — a China reafirma sua ambição de se consolidar como uma potência assertiva no sistema internacional. Embora as negociações bilaterais tenham distendido as tensões econômicas entre os atores, é importante observar como a China reagirá a futuras provocações dos EUA.

DOI 10.21544/2446-7014.n213.p14

SUL DA ÁSIA

Equilíbrio geopolítico no Sul da Ásia: os impactos da disputa Indo-Paquistanesa

Maria Fernanda Császár

Historicamente, as relações entre Índia e Paquistão são marcadas por tensões geopolíticas, especialmente no que tange à região da Caxemira. A despeito do cessar-fogo de 1972, o território permanece palco de disputas armadas. No entanto, o acirramento da crise atingiu novos níveis após os ataques de 22 de abril de 2025, resultando

na morte de 26 turistas hindus na região administrada pela Índia. Desde então, Nova Delhi e Islamabad têm trocado acusações e ataques, causando dezenas de mortes e o escalonamento da crise. Nesse sentido, deve-se analisar os impactos de um conflito entre as duas potências nucleares, considerando os riscos regionais e

globais envolvidos em uma eventual escalada militar.

Dias após o episódio de violência, ambos os governos cessaram a comunicação diplomática, fecharam a fronteira e revogaram vistos. Adicionalmente, Índia e Paquistão aboliram, respectivamente, o Tratado das Águas do Indo — que rege o controle da bacia do Rio Indo — e o Tratado de Simla — o qual não só previu o cessar-fogo das hostilidades de 1971, como também organizou o território da Caxemira mediante a *Line of Control* (LoC). A revogação desses acordos impacta diretamente o acesso do Paquistão à água, podendo reduzir a produtividade do setor agrícola do país, e aumentar a insegurança na região, uma vez que se remove o princípio organizador da disputa territorial, a LoC.

Nesse cenário, China e Estados Unidos da América (EUA) são diretamente afetados pelo conflito. Para Pequim, que também reivindica parte do território da Caxemira, a crise compromete seu objetivo de equilibrar a parceria estratégica com o Paquistão com a regularização

das relações com a Índia. Como consequência, a posição oficial chinesa prezou pela defesa da resolução pacífica. Já para os EUA, o dilema envolve a necessidade de manter o bom relacionamento com Nova Delhi, sem prejudicar os laços já comprometidos com Islamabad. Apesar de não ter promovido um posicionamento coerente em suas comunicações oficiais, Washington atuou como mediador no cessar-fogo estabelecido no dia 10 de maio de 2025.

Em síntese, os ataques provocaram uma crise sem precedentes no Sul da Ásia. Ainda que o cessar-fogo tenha sido um avanço para a redução das tensões, não há como garantir que as medidas serão de fato cumpridas. Sendo assim, a retomada das comunicações diplomáticas, de forma bilateral ou por meio de mediadores, tem o potencial para não só restabelecer a paz na região, como também evitar que novas disputas desestabilizem ainda mais o delicado equilíbrio geopolítico na Ásia.



DOI 10.21544/2446-7014.n213.p14-15.

De águas históricas à linha de base: a delimitação marítima entre Vietnã e China

Marcelle Torres

Recentemente, o Vietnã anunciou a nova linha de base para o cálculo de suas águas territoriais ao mesmo tempo em que se iniciava um exercício militar chinês no Golfo de Tonquim, causando o ressurgimento de uma divergência histórica: a delimitação marítima entre o norte do Vietnã e o sul da China. Dessa forma, questiona-se a eficácia de documentos jurídicos internacionais para solucionar o litígio.

O Golfo de Tonquim tem posição estratégica tanto do ponto de vista econômico quanto para a segurança e a defesa nacional. Além disso, é um mar semifechado, o que requer a cooperação mútua no exercício dos direitos e deveres dos países costeiros, conforme o artigo 123 da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM), de 1982. Nesse sentido, Vietnã e China têm assinado acordos acerca da delimitação das fronteiras marítimas no Golfo de Tonkin, da cooperação pesqueira na mesma região e dos princípios básicos que orientam a resolução de questões relacionadas ao mar, conforme expresso no Livro Branco de Defesa vietnamita.

Em março deste ano, o Vietnã depositou junto à ONU a carta marítima com as coordenadas geográficas que definem linhas de base retas para seu território continental no Golfo de Tonkin e os limites exteriores de seu mar territorial (MT) na região, alinhado ao artigo 16(2) da CNUDM de 1982. Destaca-se que o Vietnã adota: i) o sistema de linha de baixa-mar para o MT da ilha Bach

Long Vi, até o ponto A10; e ii) o sistema de linhas retas para medir a largura do MT de sua costa, dos pontos A11 (província Quang Tri) ao A24 (província Quang Ninh). A medida representa a conclusão oficial da linha de base vietnamita, estendida da foz do Rio Bac Luan, na fronteira norte com a China, até o ponto 0, no limite sudoeste das águas com o Camboja. Além disso, revela a definição dos limites jurisdicionais do Vietnã e seus direitos soberanos como Estado costeiro.

Em 2024, Pequim também havia anunciado sua linha de base na região, ampliando suas reivindicações. Em 08 de maio de 2025, no mais recente embate na região do Golfo de Tonkin, o Ministério da Agricultura e Meio Ambiente do Vietnã incentivou o fortalecimento das atividades de pesca nas zonas marítimas vietnamitas, questionando a proibição sazonal chinesa.

Como signatários da CNUDM, Vietnã e China mantêm a condução diplomática bilateral e reafirmam a base legal para seus limites marítimos. Hanói, enquanto monitora as ações chinesas, busca elevar a cooperação internacional em segurança e defesa, moldando seu pensamento estratégico de longo prazo. Mas, apesar dos acordos existentes e da ratificação de ambos à CNUDM, o comportamento da China coloca em xeque os limites da normatividade internacional frente a interesses estratégicos, questionando a eficácia do Direito do Mar como ferramenta de resolução de disputas.



Entre mísseis e minerais: a Groenlândia na estratégia de poder dos EUA

Nathália Magalhães Macedo

A visita do vice-presidente dos Estados Unidos da América (EUA), J.D. Vance, à Groenlândia, em 28 de março, reacendeu tensões diplomáticas entre Washington, Copenhague e o governo autônomo groenlandês. No centro da controvérsia está a Base Espacial de Pituffik, um ativo militar estratégico que remonta à Guerra Fria e que, hoje, assume novo protagonismo na arquitetura de defesa dos EUA. A presença estadunidense em Pituffik não é recente, trata-se de mais um capítulo da uma longa história de instrumentalização estratégica de territórios periféricos. Ainda assim, suscita uma questão central: até que ponto a manutenção dessa base reflete uma estratégia meramente defensiva — e não, antes, uma tentativa de reforçar a influência dos EUA no Ártico?

A importância geoestratégica de Pituffik reside em sua localização privilegiada: a Groenlândia constitui um ponto de interseção entre a América do Norte, a Europa e o Ártico, situando-se na rota mais curta para um eventual ataque de mísseis intercontinentais contra os EUA. Durante a Guerra Fria, a base operou como eixo do sistema de dissuasão nuclear contra a União Soviética, garantindo alerta precoce diante de ameaças balísticas. Porém, no atual contexto, em que China e Rússia avançam no desenvolvimento de armas hipersônicas, Pituffik assume a função de defesa contra essa nova geração de armamentos, extrapolando, assim, a mera função e passando a atuar também na interceptação.

Entretanto, a Groenlândia — rica em terras-raras, lítio, urânio e outros minerais estratégicos —

torna-se o alvo preferencial das potências. Trata-se da geopolítica do Ártico contemporâneo: uma nova corrida pelo espólio do degelo. O derretimento das calotas, que para o planeta representa uma catástrofe ambiental, para Washington e outras potências configura uma oportunidade de mercado. A crescente militarização da região, alimentada por exercícios navais russos e investimentos chineses em infraestrutura polar, intensifica o receio estadunidense em perder margem de manobra geopolítica. Assim, a visita de Vance, além de uma inspeção de rotina, sinaliza um movimento de reafirmação da hegemonia estadunidense, tanto no eixo militar quanto no econômico.

A relutância groenlandesa em aceitar uma presença militar estadunidense irrestrita revela um cenário de tensões latentes entre soberania formal e autonomia estratégica. Ainda que detenha status de governo autônomo, a Groenlândia opera sob fortes condicionantes externas que limitam sua margem de decisão. Inserida entre os interesses históricos da Dinamarca e a crescente projeção de poder dos EUA na região, o território configura-se como um espaço de confluência e disputa. Portanto, Pituffik extrapola o conceito de ativo militar: expressa o papel crescente do Ártico como fronteira estratégica, cujo controle territorial, tecnológico e informacional tende a definir os contornos da competição global do século XXI.



- ▶ [The Twilight of Bretton Woods](#)
PROJECT SYNDICATE, Giancarlo Corsetti
- ▶ [Europe? What's That?](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [US Coast Guard to add heavy icebreaker amid shipbuilding overhaul](#)
DEFENSE NEWS, Zita Ballinger Fletcherr
- ▶ [United Nations Peacekeeping for Ukraine Under Scrunity? What's That?](#)
RUSI, Comandante Edward Black
- ▶ [Is the Two-Ocean Navy Act of 2025 Finally Here?](#)
THE NATIONAL INTEREST, James Holmes.

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Por: Rafaela Machado

MAIO

Principais eventos de 15 até 31

30* - 29**



MARROCOS
EXERCÍCIO "AFRICAN
LION" DA OTAN

18



POLÔNIA
ELEIÇÕES
PRESIDENCIAIS

18



ROMÊNIA
SEGUNDO TURNO DAS
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

20



BÉLGICA
REUNIÃO DO CONSELHO DE
ASSUNTOS EXTERNOS DO
CONSELHO EUROPEU

*de abril
**de junho

20-21



SUÍÇA
REUNIÃO DO CONSELHO
GERAL DA ORGANIZAÇÃO
MUNDIAL DO COMÉRCIO

25



VENEZUELA
ELEIÇÃO PARLAMENTARES

26



MALÁSIA
46ª CÚPULA DA
ASEAN

27-30



ANTÍGUA E BARBUDA
4ª CONF. INTERNACIONAL
SOBRE PEQUENOS
ESTADOS INSULARES EM
DESENVOLVIMENTO

Relações Chile-Argentina: disputas territoriais e novo entendimento político

[Argentina decide renunciar al reclamo contra Chile sobre el control del Estrecho de Magallanes](#). *Escenario Mundial*, 28 mar. 2025. Acesso em: 28 mar. 2025.

GARCÍA, Nicolás. [Argentina derogará decreto que pretendía administración compartida con Chile del Estrecho de Magallanes y Mar de Drake](#). *Infodensa*, 27 mar. 2025. Acesso em: 28 mar. 2025.

Tensões e tarifas: qual o futuro das relações entre os Estados Unidos e seus vizinhos?

[US, Colombia reach deal on deportations; tariff, sanctions put on hold](#). *Reuters*, 27 jan. 2025. Acesso em: 06 mar. 2025.

[Imigrantes deportados: Colômbia recua em crise de aviões e EUA suspendem aumento de tarifas](#). *BBC News Brasil*, 26 jan. 2025. Acesso em: 06 mar. 2025.

Desvendando a Aliança dos Estados do Sahel

[Junta-led Sahel states ready joint force of 5,000 troops, says minister](#). *Reuters*, 22 jan. 2025. Acesso em: 28 mar. 2025.

[New alliance of Sahel states and the future of Africa's legacy institutions](#). *CSIS*, 2025. Acesso em: 27 mar. 2025.

As ofensivas do M23 e os desafios para paz no leste congolês

[Congo and M23 rebels resume peace talks in Doha, sources say](#). *Reuters*, 06 mai. 2025. Acesso em: 09 mai. 2025.

ZANE, Damian. [What's the fighting in DR Congo all about?](#) *BBC News*, 02 mai. 2025. Acesso em: 08 mai. 2025.

“Dynamic Mongoose 25”: o olhar da Otan para o Oceano Ártico e o GIUK-N

[a Dynamic Mongoose 25: NATO hunts beneath the waves as Allies put most advanced Anti-Submarine Warfare capabilities to the test](#). *Allied Maritime Command*. 24 abr. 2025. Acesso em: 05 abr. 2025.

[OTAN realiza grande exercício antissubmarino no Atlântico](#) Norte. Poder Naval. 29 abr. 2025. Acesso em: 05 abr. 2025.

A presença francesa no Oriente Médio: uma abordagem através da defesa

[a France challenges US dominance with UAE naval deals in Gulf](#). *Bulgarian Military*. 07 abr. 2025. Acesso em: 08 maio 2025.

[After Qatar talks, France sees chance to develop defence partnership](#). *Reuters*. 26 jul. 2023. Acesso em: 08 maio 2025.

Expansão para Gaza e ataques no lêmén: a incursão israelense no Oriente Médio

KARNI, Dani; LILIEHOLM, Lucas; LIEBERMANN, Oren. [Israel vows to escalate war with new plan to 'conquer' Gaza](#). *CNN*, 06 mai. 2025. Acesso em: 08 mai. 2025.

[Israel bombs Yemen's Hodeidah port after attack near Tel Aviv airport](#). *Al Jazeera*, 05 mai. 2025. Acesso em: 08 mai. 2025.

O Dia da Vitória em Moscou: legado e implicações internacionais

[Lula em bilateral com Putin: “Estreitar a construção de parceria estratégica”](#). *Governo do Brasil*, 09 maio 2025. Acesso em: 10 maio 2025.

[Rússia Holds Victory Day Parade on Moscow's Red Square](#). *TASS*, 09 maio 2025. Acesso em: 10 maio 2025.

Militarização do Ártico: a Estratégia Russa e suas implicações para a segurança global

[Putin diz que Rússia aumentará número de militares no Ártico](#). *CNN Brasil*, 27 mar. 2025. Acesso em: 29 mar. 2025.

[O potente quebra-gelo nuclear: Putin lança ao mar embarcação para consolidar presença russa no Ártico](#). *Huffington Post*, 25 nov. 2024. Acesso em: 29 mar. 2025.

O que esperar dos candidatos às eleições sul coreanas?

KIM, Hyung-Jin. [Lee Jae-myung nominated by South Korea's liberal opposition to run for president](#). *AP News*, 27 abr. 2025. Acesso: 05 maio 2025.

[S Korea's conservative party picks Kim Moon-see as presidential candidate](#). *Al Jazeera*, 03 maio. 2025. Acesso: 05 maio 2025.

A resposta da China às tarifas dos EUA: busca por protagonismo em tempos de tensão

SUN, Luna. [China urges Japan, South Korea and Asean to deepen cooperation amid trade war turbulence](#). *South China Morning Post*, 05 maio. 2025. Acesso: 10 maio 2025.

MCDONELL, Stephen. [Why Beijing is not backing down on tariffs](#). *BBC*, 11 abr. 2025. Acesso: 10 maio 2025.

Equilíbrio geopolítico no Sul da Ásia: Os impactos da disputa Indo-Paquistanesa

AHMED, Arman. [Regional reverberations: the Pahalgam attack and its impact on South Asia's security landscape](#). *Australian Institute of International Affairs*, 05 maio 2025. Acesso: 09 maio 2025.

MILLER, Chatterjee Manjari. [On India-Pakistan conflict, the United States needs to tread carefully](#). *Council on Foreign Relations*, 07 maio 2025. Acesso: 09 maio 2025.

De águas históricas à linha de base: a delimitação marítima entre Vietnã e China

PHAM, Linh. [Vietnam's Gulf of Tonkin baseline helps protect sovereignty rights](#). *Hanoi Times*, 24 fev. 2025. Acesso: 09 maio 2025.

[Submission in compliance with the deposit obligations pursuant to the United Nations convention on the law of the sea \(UNCLOS\)](#). *ONU*, 2025. Acesso: 09 maio 2025.

Entre mísseis e minerais: a Groenlândia na estratégia de poder dos EUA

OLMO, D. Guilherme. [Groenlândia: Pituffik, a estratégica base militar dos EUA no centro da polêmica sobre visita de vice-presidente J.D. Vance à ilha](#). *BBC*, 28 mar. 2025. Acesso: 10 maio 2025.

PONS, Juan. [The US aircraft carrier in the Arctic is the Pituffik Space Base in Greenland](#). *Atalayar*, 12 jan. 2025. Acesso: 10 maio 2025.

O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

Os valores em moeda expressos neste Boletim estão padronizados em Dólar Estadunidense, utilizando a conversão do Banco Central do Brasil.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Kaike Mota

► ALTO RISCO:

•HAITI - Conflitos internos: [Haiti gangs' US terrorism designation risks harming most vulnerable, NGOs warn](#). **Reuters**, 08 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•IÊMEN - Crise estrutural e regional: [Israel says Sanaa airport 'fully disabled' in strikes on Yemen's capital](#) **Al Jazeera**, 06 maio 2025. Acesso em: 08 maio 2025.

•ÍNDIA E PAQUISTÃO - Conflito regional: [India Pakistan Ceasefire Live Updates: Terrorists Wiped Off Our Sisters' Sindoore, We Wiped Off Their Bases, Says PM Modi](#). **NDTV World**, 12 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•IRÃ - Instabilidade regional: [Trump warns Iran over nuclear sites: We can 'blow 'em up nicely or blow 'em up viciously'](#) **New York Post**, 07 maio 2025. Acesso em: 08 maio 2025

•ISRAEL - Conflito regional: [Israeli attacks kill more than 60 as Gaza blockade accelerates starvation](#) **Al Jazeera**, 07 maio 2025. Acesso em: 08 maio 2025

•LÍBANO - Crise estrutural: [Lebanon warns Hamas against attacks threatening nation's security](#) **Al Jazeera**, 02 maio 2025. Acesso em: 08 maio 2025

•MAR VERMELHO - Ataque a embarcações: [Trump announces deal to stop bombing Houthis, end shipping attacks](#) **Reuters**, 06 maio 2025. Acesso em: 08 maio 2025

•MIANMAR - Conflito interno: [At least 17 killed in junta air strike on school in Myanmar, reports say](#). **Euronews**, 12 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [Minerals, mobile phones and militias: how war unfolded in DRC](#). **The Guardian**, 07 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Ukraine accuses Russia of breaking own truce after attacks on Sumy](#) **Al Jazeera**, 08 maio 2025. Acesso em: 08 maio 2025

•SÍRIA - Crise regional: [Syria's al-Sharaa confirms indirect talks with Israel amid soaring tensions](#) **Al Jazeera**, 07 maio 2025. Acesso em: 08 maio 2025

•SOMÁLIA - Crise estrutural: [Continued U.S. Airstrikes in Somalia Demonstrate Relentless Nature of the Threat](#). **The Soufan Center**, 06 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•SUDÃO - Conflito interno: [At least 33 people killed in suspected RSF attacks in Sudan](#) | Sudan war News. **Al Jazeera**, 10 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•VENEZUELA - Crise sociopolítica: [UNHCR Venezuela Operational Update May 2025](#) - Venezuela (Bolivarian Republic of). **Relief Web**, 07 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

► MÉDIO RISCO:

•BURKINA FASO - Crise sociopolítica: [Burkina Faso army, militias killed 130 members of ethnic group, HRW says](#). **Al Jazeera**, 12 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•GUIANA E VENEZUELA - Disputa regional: [Guyana highlights Venezuela's claims and acts of aggression at UN Human Rights Periodic Review: Venezuela objects](#). **NewsSource Guyana**, 07 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•GUINÉ - Crise sociopolítica: [Suspension des congrès de l'UFDG : l'avocat du parti réagit au report du verdict par le tribunal](#). **Guinee360**, 10 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•IRAQUE - Crise regional: [How Iraq's Islamic State captives became a lucrative ransom trade](#) **Middle East Eye**, 29 mar. 2025. Acesso em: 31 mar.

•MALI - Crise sociopolítica: [Protests grow in Mali as opposition leader faces trial over junta criticism](#). **RFI**, 07 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [Philippines condemns Beijing's excessive claims at Sandy Cay, related manipulation of information](#). **Indo-Pacific Defense FORUM**, 09 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [Navigating Political Crisis and Conflict in Mozambique: Quad's Interest and Strategy](#). **Foreign Policy Research Institute**, 09 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•NÍGER - Crise sociopolítica: [Niger Republic Junta Detains Three Journalists After Reporting Rift With Russia, Turkey](#). **Sahara Reporters**, 11 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: [Monitoring in motion for migrants in the Darien Gap](#). **OHCHR**, 08 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

► EM MONITORAMENTO:

•AFEGANISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Afghan defence ministry rejects Pak claims about Indian missile strikes](#). **Business Standard**, 10 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Instabilidade regional: [Azerbaijani armed forces target Armenian village home in cross-border shooting](#) **ARMENPRESS**, 31 mar. 2025. Acesso em: 31 mar. 2025.

•BANGLADESH - Instabilidade sociopolítica: [Awami League rejects ban by Bangladesh, to continue operations](#). **The Times of India**, 12 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•BELARUS - Instabilidade regional: [Authoritarian leader of Belarus is sworn for a 7th term and tells his critics 'you have no future'](#) **AP News**, 25 mar. 2025. Acesso em: 31 mar. 2025.

•COLÔMBIA - Instabilidade sociopolítica: [La negociación con los exparamilitares enfrenta a Petro con su comisionado de paz](#). **El País**, 12 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [El Salvador - Postconflict, Economy, Politics](#) | **Britannica**, 08 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•EQUADOR - Instabilidade sociopolítica: [Ecuador declares national mourning for 11 troops killed by guerrillas](#). **RFI**, 10 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•ETIÓPIA - Instabilidade interna: Ethiopia: [How to Resolve Tigray's Dangerous Demobilisation Deadlock](#). **AllAfrica**. 7 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•NICARÁGUA - Instabilidade sociopolítica: [Nicarágua deixa Unesco após prêmio a jornal de oposição](#). **DW**, 05 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•NIGÉRIA - Instabilidade interna: [Gunmen kill 30 during 'vicious' attack in southeast Nigeria: Rights group](#). **Al Jazeera**. 09 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•PENÍNSULA COREANA - Crise regional: [Kim Jong Un oversees latest North Korea missile tests off east coast](#). **AlJazeera**, 08 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•SENEGAL - Instabilidade sociopolítica: [Jihadi activities increase sevenfold in Kayes region, near east of Senegal](#). **Africanews**, 28 abril. 2025. Acesso em: 12 mai. 2025.

•SUDÃO DO SUL - Instabilidade regional: [UN Security Council extends South Sudan mission amid rising instability](#). **UN News**, 08 mai. 2025. Acesso em: 12 mai. 2025.

•TAIWAN - Disputas regionais: [Taiwan test fires for first time new US-supplied HIMARS rocket system](#). **Reuters**, 12 maio. 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

•TURQUIA - Instabilidade interna: [Turkey protests: Pro-democracy demonstrators return to Istanbul's streets for huge rally](#) **BBC**, 29 mar. 2025. Acesso em: 31 mar. 2025.